

**Fiori Romano Manchini**

**ENSINAR É MAIS DO QUE  
TRANSMITIR CONHECIMENTO,  
É TRANSMITIR EMOÇÕES**

**LANÇAMENTO**



# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 44 - Setembro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Elizabeth Hama Francisco

Luís Venâncio

Manuel Francisco Neto

Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Giselda Trindade da Silva

Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro

Jonatas Hericos Isidro de Lima

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Maria Aparecida da Silva

Rita de Cássia Gonçalves Paccola

Simone Moreira Garcia

Sheyla Maria Silva Pimentel

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 44 (set. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 106 p. : il. color

**Bibliografia**

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.44

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

**ACESSOS:**

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.44>

**A**

São Paulo | 2023

#### Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

#### Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

#### Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac dos Santos Pereira  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

#### Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

#### Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

#### Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Me. José Wilton dos Santos

#### Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Vilma Maria da Silva  
Lee Anthony Medrado

#### Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

#### Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

#### PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

#### PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

Google Acadêmico



**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof.<sup>o</sup> Antônio Raimundo Pereira Medrado

## FIORI ROMANO MANCHINI

“ENSINAR É MAIS DO QUE TRANSMITIR  
CONHECIMENTO, É TRANSMITIR EMOÇÕES”.



# ARTIGOS

## ARTIGOS

1. O IMPACTO CAUSADO POR UM PROFESSOR ARROGANTE E PREPOTENTE NA APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNO  
ELIZABETH HAMA FRANCISCO, LUÍS VENÂNCIO, MANUEL FRANCISCO NETO, MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO 13
2. A MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS  
GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI 31
3. ALFABETIZAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA  
GISELDA TRINDADE DA SILVA 41
4. DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
GIZILDA BARRETO DE ALMEIDA RIBEIRO 49
5. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ABORDAGEM PIKLER PARA O DESENVOLVIMENTO  
JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA 55
6. OS DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA 63
7. AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS  
MARIA APARECIDA DA SILVA 73
8. AS BRINCADEIRAS E JOGOS: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS, FÍSICOS E SOCIAIS  
RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA 81
9. MUSICALIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL  
SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL 89
10. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
SIMONE MOREIRA GARCIA 97

## AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

MARIA APARECIDA DA SILVA

### RESUMO

Durante vários séculos, a mulher foi excluída da sociedade. Frente a isso, diferentes movimentos feministas trouxeram questões como o direito à Educação, a igualdade no mercado de trabalho, a igualdade salarial, o direito ao voto, entre outras questões. O presente artigo teve por objetivo trazer uma discussão sobre as mulheres na história e a sua contribuição na formação da sociedade. Essa questão não só pode como deve ser trabalhada na disciplina de História, no sentido de contribuir para uma maior democratização em relação as oportunidades e tentando diminuir as desigualdades sociais relacionadas ao gênero. Assim, foi possível observar uma evolução social no trato as mulheres, conquista dos movimentos feministas no Brasil, enquanto objeto de estudo das questões étnico-raciais. Os resultados encontrados demonstraram que as mulheres contribuíram de diferentes formas para a evolução da sociedade, mas, seus direitos foram conquistados a pouco tempo relativamente, assim, estudar sobre esse tema contribui para promover o exercício da cidadania e o respeito.

**Palavras-chave:** Direitos da Mulher; História; Pluralidade cultural.

### INTRODUÇÃO

O ensino de História atualmente tem trazido discussões mais intensas a respeito das questões étnico-raciais, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trouxe os objetivos de aprendizagem e as habilidades que os estudantes precisam desenvolver ao longo da Educação Básica, em especial sobre essa questão.

Tem-se como problemática a discriminação e a segregação existente no Brasil, não só em uma área específica, mas, em várias, incluindo o papel da mulher na sociedade e sua posição de submissão que perdurou por vários séculos.

Com o passar do tempo diversos movimentos sociais foram surgindo passando a exigir seus direitos, como acesso à Educação, boas condições de trabalho, salários iguais para ambos os sexos, envolvendo a igualdade de direitos, a fim de se sentirem pertencentes à sociedade de fato.

---

É preciso incentivar mais pesquisas sobre o assunto, pois, os estudantes precisam compreender não só o processo histórico pelo qual se deu as contribuições das mulheres na sociedade, em especial, as mulheres negras, mas, também desenvolver o respeito e a cidadania.

Assim, como objetivo geral temos a discussão da trajetória da história da mulher no Brasil; e como objetivos específicos, sobre o papel da mulher negra e a forma como contribuíram para o desenvolvimento da sociedade.

## **A MULHER NO BRASIL**

Historicamente, a mulher sempre se encontrava em uma posição submissa, principalmente devido a visão que a sociedade tinha sobre ela. Os homens se encontravam em uma posição superior e dominavam as mulheres no sentido de manter o patriarcalismo. Segundo a sociedade da época essa relação era vista como: “figura como a primeira forma de opressão na história da humanidade” (SARDENBERG e COSTA, 1994, p. 81).

A mulher era educada de forma a acreditar que essa situação era normal. A opressão já acontecia desde a infância fazendo com que elas se sentissem inferiores aos homens, limitando-se aos afazeres domésticos (TOLEDO, 2005).

Ainda, a sociedade já fazia com que o comportamento do homem fosse baseado na opressão. Isso só poderia ser solucionado se houvesse uma ruptura da economia da época e a mudança de valores como as crenças e os costumes que influenciavam uma ideologia de prepotência e tirania:

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos (SAFFIOTI e BONGIOVANI, 2004, p. 11).

As mulheres de forma geral, em especial as negras e as pessoas com deficiências, eram excluídas da sociedade. Essa visão só começou a mudar a partir do Século XIX, onde a sociedade começou a compreender a necessidade da formação acadêmica para as mulheres.

No Brasil, algumas cidades começaram a criar salas para receber mulheres, mantendo-se a separação entre os homens, com o objetivo de formação docente. O que parecia algo impossível, passou a mudar a partir do momento em que a maioria das pessoas que estavam se formando educadores eram mulheres.

Assim, elas começaram a ganhar espaço na Educação, mas, quando comparadas aos homens, ainda sentiam o reflexo da sociedade um vez que eles continuavam ocupando funções hierárquicas superiores, como diretores, enquanto as mulheres se limitavam apenas a ensinar, ficando limitadas as salas de aula (LOURO, 2006).

Ainda de acordo com o autor, o trabalho em comércios, fábricas e escritórios eram acumulados com as tarefas de casa, o que sobrecarregava a mulher, ainda recebia salários mais baixos. Não havia legislação a fim de garantir os direitos das mulheres, ainda mais da mulher negra, o que resultava entre outras questões, em péssimas condições de trabalho, jornadas extremamente longas, assédio sexual, dentre outras questões:

---

De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se ocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? [...] (RAGO, 2006, p. 588).

Segundo os historiadores, existem pouquíssimos registros referente a luta das mulheres no Brasil. Esse cenário também só começou a se modificar quando a própria mulher passou a escrever em revistas e periódicos, a partir de 1850, contribuindo para mudanças na visão da sociedade.

Muitas mulheres passaram a demonstrar insatisfação com relação aos modelos sociais e políticos existentes no Brasil. Essa insatisfação passou a ser publicado inclusive em jornais, com a pretensão de alcançar mais e mais mulheres, incentivando-as a se expor e reivindicar seus direitos:

A “emancipação da mulher” estava adquirindo um significado cada vez mais vasto. No final do século XIX, algumas mulheres não mais queriam apenas respeito, tratamento favorável dentro da família ou direito à educação, mesmo educação universitária, mas sim o desenvolvimento pleno de todas as suas faculdades, dentro e fora do lar. (...) elas visualizavam as mulheres trabalhando em pé de igualdade com os homens em todas as esferas, a ocupar “todos os cargos, desempenhar todas as funções; em tudo devemos competir com os homens - no governo da família, como na direção do estado”. Vinculavam a causa pelo sufrágio à igualdade da mulher e aos direitos humanos gerais (HAHNER, 1981 apud SANTOS, 2017, p. 46).

Ao final da década de 1880, os ideais republicanos começaram a se expandir, fazendo com que boa parte das feministas passassem a exigir o direito ao voto, o que lhes traria igualdade de direitos e contribuiria para sua participação na sociedade, enquanto cidadãs. Esse desejo foi ganhando maiores proporções. O jornal *O Sexo Feminino*, por exemplo, do Estado de Minas Gerais, dedicava uma coluna exclusiva sobre o assunto (SANTOS, 2017).

Ainda, quanto à submissão feminina, muitas feministas afirmavam que a submissão a que as mulheres eram submetidas na maioria das vezes ocorriam principalmente devido a dependência econômica e que com o direito ao trabalho, as mesmas poderiam modificar essa situação.

Uma conquista importante ocorreu em 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino (PRF), o qual era presidido por uma mulher. Leolinda Daltro, professora, tinha como um dos seus principais ideais o direito de se pleitear um cargo público independentemente do sexo, contribuindo para a emancipação feminina em todo o país, em especial da mulher negra.

Santos (2017), relata que o voto passou a ser considerado fundamental para o exercício da cidadania. Essa igualdade, em termos educacionais, trabalhistas, sociais, políticos, entre outras questões, só aconteceria através de uma participação política. O direito ao voto feminino seria uma importante forma de conquistar os direitos que até então eram tirados das mulheres.

---

Até o Golpe de 1964, havia ocorrido uma verdadeira luta das mulheres, a fim de conquistar os direitos das crianças e da maternidade, o que acabou contribuindo para a criação das creches. Porém, a situação mudou e assim muitas associações foram fechadas e ao mesmo tempo muitas mulheres foram mortas, torturadas ou desaparecidas, retornando somente onze anos depois, com a Proclamação do Ano Internacional da Mulher, em 1975, pelas Nações Unidas ganhando enorme repercussão.

Nessa década pode-se destacar questões como condições dignas no trabalho, equiparação de salários, valorização, sociedade mais justa, entre outras situações que trariam a mulher enquanto cidadã de direitos e deveres (SARDENBERG E COSTA, 1994).

Com isso, o direito ao voto feminino deixou de ser voluntário. Desta forma, o Código Eleitoral de 1965, acabou com a distinção eleitoral entre mulheres e homens (LIMONGI et al., 2019).

Mas foi somente a partir da Constituição Federal do ano de 1988, que se tem uma visão realmente diferenciada das mulheres perante a sociedade:

[...] as mulheres brasileiras deixaram de constar como cidadãs de segunda categoria [...] tornando-se agora legalmente reconhecidas como seres responsáveis e socialmente produtivos, tendo por respaldo uma legislação mais progressista, menos discriminatória, que leva em consideração a especificidade da condição feminina. [...] Só um movimento de mulheres conscientes de seus direitos e devidamente mobilizadas para exigir o cumprimento da lei e a punição para aqueles que porventura a transgredirem, é que garantirá a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (SARDENBERG E COSTA, 1994, p. 109).

No caso das mulheres negras: “A mulher negra no Brasil é discriminada duas vezes: por ser mulher e por ser negra” (AGUIAR 2007, p.87). As mulheres negras sofreram um processo histórico diferenciado quanto a opressão da mulher, e nos dias atuais a sociedade não tem a real dimensão do efeito que a opressão fez e ainda faz para a identidade feminina.

Elas receberam menor consideração pela sociedade resultado do processo de colonização brasileira, da qual as mulheres negras eram escravas dos senhores de engenho, vivenciando uma posição submissa, que as colocaram durante séculos em uma posição inferior a das mulheres brancas. Ainda, possuíam uma dominação sobre as negras desde o tempo colonial, restando as negras posições de menor prestígio na sociedade.

A sociedade com sua visão machista as via como: “numa ideologia patriarcal e eurocêntrica, acredita que tem maiores qualidades físicas, biológicas, intelectuais, de liderança para gerir a sua vida e a de outrem” (SILVA, 2000, p.4).

Essa dominação histórica em cima das mulheres negras desenham um perfil submisso: “concorre ainda o aspecto ideológico que alimenta o imaginário social e atrela à mulher negra a imagem de subserviente, menos capaz, “mãezona”, “boazinha” e resignada à sorte” (SILVA, 2000 p. 4), não correspondendo a imagem eurocêntrica de beleza, ao mesmo tempo consideradas fortes, uma vez que seriam capazes de suportar qualquer tipo de dor:



---

A história do movimento feminista, [...], pode ser compreendida a partir de três grandes ondas. A primeira situa-se no final do século XIX, denominado de movimento sufragista (luta por direito ao voto feminino) e por direitos democráticos (direito ao divórcio, educação completa, trabalho, etc.). A segunda, no final dos anos 60, a luta por liberação sexual, e a terceira, no final dos anos 70, uma luta de caráter sindical, protagonizada pela mulher trabalhadora, na América Latina (TOLEDO 2005 apud RAIMUNDO et al., 2016, p. 2).

Com os movimentos feministas as desigualdades de gênero contribuíram para que as mulheres se transformassem em indivíduos políticos, fazendo com elas se enxergassem a partir do seu pertencimento na sociedade:

[...] padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo. (GONZÁLEZ, 2000, apud PINTO 2016, s/p.).

Até os dias atuais, infelizmente, muitas dessas mulheres ainda ocupam diferentes níveis de pobreza no Brasil. Isso pode estar relacionado as oportunidades ofertadas, lembrando que o acesso à educação é bastante precário, assim como muitas são obrigadas a abandonar os estudos para contribuir com o sustento da família. Ainda, os cargos de empregos são geralmente servis quando comparados aos da sociedade.

## **A MULHER E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE**

Inicialmente no Brasil, foram criadas algumas salas para receber mulheres com o objetivo de formar docentes. O que parecia algo impossível, passou a mudar a partir do momento em que a sociedade começou a perceber que se formavam muito mais mulheres do que homens para trabalhar com Educação.

Historicamente, o papel das mulheres na Ciência se expressa nas contribuições científicas nas diferentes áreas de conhecimento. Como exemplo, tem-se os avanços nas áreas de Fisiologia, Genética e Farmacologia. Apesar disso, desde a criação do Prêmio Nobel, das 870 pessoas premiadas, apenas 48 eram mulheres.

Essa desigualdade em relação ao gênero, como por exemplo, na Ciência, área considerada masculina até então, deveria ser mudada pela sociedade:

---

Ignorar esta dimensão é um obstáculo maior para a participação da mulher na Sociedade do Conhecimento e também priva a sociedade de uma porção significativa da sua força intelectual, um caminho certo para enfraquecer sua capacidade científica nacional (ABREU, 2009, p. 117).

No caso de Ciências, o convite para a participação das mulheres veio através da obra *Women in Science*, escrita pelo padre Mozans no ano de 1913. Desta forma convidava: "as mulheres a atuarem no empreendimento científico e desencadearem as energias de metade da população do planeta" (SCHIENBINGER, 2001, s/p.).

A partir dessa obra, a discussão sobre gênero na Ciência aumentou consideravelmente, destacando-se Alice Rossi, uma das primeiras mulheres a publicar um artigo científico em um periódico. O artigo foi publicado em uma das maiores revistas científicas, a *Science*, discutindo a participação das mulheres nas Ciências e na Tecnologia, entre 1950 e 1960 nos Estados Unidos.

O estudo da época mostrava uma pequena participação das mulheres nesse tipo de atividade. Nas Ciências Naturais, as mulheres representavam 10%; na Biologia a representação era de 27%; já a pouquíssima representatividade estava entre a Física, 5%; e a Engenharia, com apenas 1%. Rossi discutiu em cima desses resultados as questões sociais e psicológicas que envolveriam a pouca participação das mulheres nessas áreas de conhecimento.

Ainda, outros fatores influenciaram como desempenho menor que o dos homens, menor acesso aos cargos acadêmicos, menos recursos para pesquisarem, salários inferiores. Porém, é preciso destacar que as possíveis causas para todas essas diferenças são complexas e envolvem inúmeros fatores:

Uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se depara com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família vis-a-vis as exigências da vida acadêmica. Algumas sucumbem e optam pela família, outras, pela academia, e um número decide combinar as duas. Sobre essas últimas, não é necessário dizer quanto têm que se desdobrar para dar conta não apenas das tarefas múltiplas, mas também para conviver com a consciência duplamente culposa: por não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto se esperaria (ou gostaria) (VELHO, 2006, p. 15).

Ainda de acordo com o autor, a inserção das mulheres na Ciência foi baseada em um modelo masculino de carreira, em que elas deveriam se dedicar em tempo integral à pesquisa, pensando na produtividade, na competitividade e na valorização das próprias características dos homens que de certa forma restringiam e dificultavam a participação dessas mulheres (TABAK, 2002, p. 49).

No Brasil, a comunidade científica começou a se expandir de forma recente. Até meados do Século XX, havia poucas instituições ligadas à Ciência. Somente a partir do Plano Estratégico de Desenvolvimento Nacional, no final da década de 1960, é que a Ciência finalmente começou a aparecer como planejamento nacional.

---

Foi somente entre as décadas de 1980 e 1990 que a participação das mulheres na Ciência aumentou. No Brasil, infelizmente, existem poucas pesquisas voltadas para essa questão, mas, é possível perceber que o aumento do número de mulheres nas Universidades aumentou consideravelmente nas últimas décadas. No caso das mulheres negras cientistas:

[...] em 2015 no Brasil, onde a maioria da população se autodeclara preta e parda, apenas 7% das pesquisadoras com bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq eram negras. A baixa representatividade de mulheres negras na atividade científica denuncia a confluência do racismo e sexismo. Esta investigação se configura como uma pesquisa participante, a qual busca a participação da comunidade e na qual a relação tradicional de sujeito-objeto é convertida em uma relação sujeito-sujeito, e objetiva dar visibilidade à contribuição de pesquisadoras negras contemporâneas na construção do conhecimento (apresentando a trajetória e discutindo a construção da subalternidade), desmistificando as ciências como uma atividade unicamente masculina, branca e de laboratório (TAVARES et al, 2015 apud VARGAS, 2018, p. 13).

Ou seja, as mulheres negras estão presentes na história, mas, apresentando uma posição de invisibilidade enquanto cidadãs e conseqüentemente como protagonistas do seu próprio caminho na sociedade brasileira. Infelizmente, esta invisibilidade atingiu a área da Ciência, ainda relacionada ao rigor científico, errando-se ao diminuir a importância dessas pesquisadoras (SILVA, 2016).

Assim, o mundo da Ciência historicamente foi estruturado com base no trabalho masculino, excluindo-se inicialmente as mulheres e depois o negacionismo das suas produções científicas. Fica humanamente impossível discutir a presença feminina no desenvolvimento das Ciências sem falar na história das mulheres:

[...] por produzir conhecimento objetivo e universal, transcendendo as restrições culturais. Entretanto, no que diz respeito ao gênero, à raça e a muito mais, a ciência não é um valor neutro. Estudiosos começaram a documentar como as desigualdades de gênero, construídas nas instituições científicas, influenciaram o conhecimento nelas produzido (SCHIEBINGER, 2008, p. 274).

Por esse motivo deve-se lembrar que apesar da história recente, elas contribuíram em muito não só para o desenvolvimento da sociedade, mas, também da Ciência, mesmo ocorrendo em um mundo historicamente machista e conservador (PERROT, 2005).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensando no papel das mulheres na História e as suas contribuições para a formação da sociedade, pode-se perceber que a informação é fundamental para enfrentar qualquer tipo de violência, discriminação, desrespeito, intolerância, entre outras situações que a diminuam. Isso faz com que a discussão em sala de aula sobre os direitos da mulher, percorre

um caminho histórico, fazendo com que os estudantes reflitam sobre essas questões a fim de eliminar ou diminuir ao máximo as situações citadas.

As mulheres negras no contexto histórico brasileiro sofreram ainda mais, por serem colocadas em uma posição de submissão, servindo de todas as formas aos senhores de engenho e sendo submetidas a inúmeras dores, o que inclusive ao longo do processo histórico fez com que elas se mantivessem numa posição mais baixa e ainda mais submissa, não só perante uma sociedade machista, mas, também em relação as próprias mulheres brancas quando comparadas.

Por isso, a importância de discutir sobre as suas contribuições para a sociedade, incluindo-se a todas, independente de raça e cor, uma vez que mesmo timidamente em alguns momentos, as mulheres foram importantíssimas para a sociedade que temos hoje.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. Women for Science: public policies for improving gender equity. Trabalho apresentado no Evento: Women For Science na Mesa Redonda I: Gender and Public Policies in Education, Science and Technology. Improving gender equity, Academia Mexicana de Ciências, abr. 2009.
- AGUIAR, M.M. A construção das hierarquias sócias: classe, raça. Gênero e etnicidade. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, v. 1, n. 37, 2007.
- ALVES, B.M. Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980, 197 p.
- LIMONGI, F.; OLIVEIRA, J.S.; SCHMITT, S.T. Sufrágio universal, mas... só para homens. O voto feminino no Brasil. Rev. Sociol. Polit. v. 27, n. 70, e003, 2019.
- LOURO, G.L. Mulheres na sala de aula. In: História das Mulheres no Brasil. PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 443 – 481.
- PERROT, M. As mulheres ou o silêncio da História. Bauru: EDUSC, 2005.
- PINTO, G. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. Anais, p. 1- 16, 2016.
- RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: História das Mulheres no Brasil. PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 578 – 606.
- RAIMUNDO, V.J.; GEHLEN, V.; ALMEIDA, D. Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feminista e negro. Caderno de Estudos Sociais, p.1-8, 2016.
- SAFFIOTI, H.; BONGIOVANI, I. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 151p.
- SANTOS, L.C. Sufrágio Feminino e Democracia no Brasil. Monografia de final de curso. Departamento de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Rio de Janeiro. 2017. 80 p.
- SARDENBERG, C.M.B.; COSTA, A.A.A. Feminismos, feministas e Movimentos Sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luíza Ribeiro e BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.). Mulher e Relações de Gênero. Seminários especiais. Centro João XXIII. São Paulo: Loyola, 1994. p. 81 – 114.
- SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. História, Ciências e Saúde – Manguinhos, 2008, vol. 15, p. 269-281.
- SILVA, D.S. Gênero, Raça e Classe: Discursos de Mulheres Negras Acadêmicas e Mulheres Negras Comunitárias. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2016. 115p.
- SILVA, E.B. Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL O DESAFIO DA DIFERENÇA: ARTICULANDO GÊNERO, RAÇA E CLASSE. 2000.
- TABAK, F. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). Feminismo, ciência e tecnologia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 39-49.
- TOLEDO, M.A.L.T. A disciplina de História no Império brasileiro. Revista HISTEDBR, Campinas, n.17, p. 1-10. 2005.
- VARGAS, R.N. Sobre produção de mulheres negras nas Ciências: Uma Proposta para a Implementação da Lei 10.639/03 no Ensino de Química. Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação em Química. 2018, xci, 91 f.
- VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006. p. XIII-XVIII.



Revista **a EVOLUÇÃO**

Ano IV 44 Set. 2023  
ISSN 2675-2573

**Fiori Romano Manchini**

**ENSINAR É MAIS DO QUE TRANSMITIR CONHECIMENTO, É TRANSMITIR EMOÇÕES**

LANÇAMENTO

**A FADA SORRIBRE**

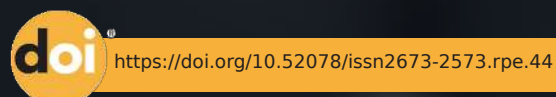


 [www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

**ORGANIZAÇÃO:**  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

Elizabeth Hama Francisco  
Luís Venâncio  
Manuel Francisco Neto  
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Girlene Nascimento da Silva Mantovani  
Giselda Trindade da Silva  
Gizilda Barreto de Almeida Ribeiro  
Jonatas Hericos Isidro de Lima  
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva  
Maria Aparecida da Silva  
Rita de Cássia Gonçalves Paccola  
Simone Moreira Garcia  
Sheyla Maria Silva Pimentel



Produzida com utilização de softwares livres



LibreOffice®



Platform & workflow by  
OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

